

O centenário da Semana de Arte Moderna



Por WALNICE NOGUEIRA GALVÃO*

Comentários sobre as comemorações dos 100 anos da Semana de 22

1.

Levou cem anos, um século inteiro, mas temos agora uma realização para brindar: o resgate, execução e gravação da música da Semana de Arte Moderna em 1922. Mais uma iniciativa de altíssimo nível que devemos ao Sesc, o box com quatro CDs intitula-se *Toda Semana: Música e literatura na Semana de Arte Moderna*. O livreto do box traz poemas e conferências da Semana, bem como novos estudos.

Comandam o projeto três especialistas: a musicóloga do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB) Flávia Camargo Toni, Claudia Toni e Camila Fresca. Fazer o levantamento, convocar e ensaiar os músicos, proceder à gravação: a tarefa não é pequena...

Villa-Lobos foi mesmo o compositor mais tocado na Semana, com cerca de 20 obras. Também funcionou como maestro, enfrentando com galhardia as vaias e apupos que saudaram tanta modernidade. Entre os instrumentistas, ressaltam os desempenhos dos pianistas Lucília Villa-Lobos, Frutuoso Vianna, Ernani Braga e da grande Guiomar Novaes.

Os naipes que agora executaram a música foram compostos por profissionais reputados. O maestro e violinista Claudio Cruz tem longo tirocínio como *spalla* da Osesp. A seu lado apresenta-se o jovem pianista Christian Budu, que vem acumulando prêmios: fica a cargo de ambos o fulcro do projeto. Destaque para Antonio Meneses, um dos maiores violoncelistas da atualidade, e Mônica Salmaso, voz de afinação impecável. O livreto traz o elenco dos instrumentistas e cantores.

A realização está à altura de empreitadas sofisticadas como aquelas que se fazem em Paris a propósito de Marcel Proust, onde é possível comprar CDs ou ir a um concerto só de músicas dos oito volumes de *Em busca do tempo perdido*. Sem deixar de incluir as canções clássicas do amigo Reinaldo Hahn, de grande popularidade à época: até hoje soa nos teatros sua célebre *Si mes vers avaient des ailes*, sobre poema de Victor Hugo.

Os proustianos abrem a discussão sobre uma certa frase melódica, *la petite phrase* da sonata de Vinteuil, atribuída a um compositor fictício: seria da autoria de César Franck, Saint-Saëns ou Gabriel Fauré? O próprio autor revelou que era de Saint-Saëns, mas os estudiosos duvidam de sua revelação... Ou pode ser uma exposição de pintura reunindo os retratos de Proust e de seus amigos, como Robert de Montesquiou (cuja magistral efígie, devida aos pinceis de Whistler, fica na *Frick Collection* de Nova York), Anna de Noailles, os vários Greffühle (modelo dos Guermantes), Boni de Castellane etc., e mais as paisagens evocadas (Illiers-Combray, Trouville etc.). Ou ainda os trajes da condessa de Greffühle, a mais elegante de seu tempo, objeto de mostra há poucos anos no *Palais Galliera*.

2.

A moda tem sido estudada por aqui também. Um livro recém-lançado guarda igualmente forte relação com Paris, destino

a terra é redonda

inevitável à época: *O guarda-roupa modernista - O casal Tarsila e Oswald e a moda*, da autoria de Carolina Casarin. Já muito citada foi a referência de Oswald a Tarsila: "... caipirinha vestida por Poiret...". Pesquisando nos arquivos dos costureiros em Paris, a autora encontrou documentação relativa a mais de vinte toaletes de Tarsila, assinadas por Jean Patou e por Paul Poiret. A própria capa que ela enverga no mais famoso de seus autorretratos (*Manteau rouge*, de 1923), em que a tela é avassalada por enorme mancha escarlate, é da autoria de Jean Patou.

Entre muitas outras revelações, o livro faz o levantamento de uma curiosidade: os vestidos de Poiret tinham nomes. Aprendemos os nomes daqueles comprados por Tarsila: *Mandalieu, Lampion, Mosqué, Riga, Esmeralda, Street...* Ficamos sabendo que Poiret não figurava entre os costureiros mais avançados, como Chanel, cujas roupas eram mais flexíveis e desvencilhavam a silhueta feminina. Ao contrário, as suas eram mais pomposas e ornamentadas, com influência oriental, sendo, portanto, menos de vanguarda e mais de ostentação.

Pesquisas, instigadas pelo Centenário da Semana, continuam a surgir. Praticamente uma novidade a cada semana, o que é ótimo.

3.

Entre outros benefícios, as celebrações do Centenário estão provocando a publicação de trabalhos abordando aspectos até agora inéditos. Enquanto esperamos que outros surjam, podemos ler *A arte de devorar o mundo - Aventuras gastronômicas de Oswald de Andrade*, de Rudá K. Andrade, neto de Patrícia Galvão (Pagu) e Oswald de Andrade. Chama-se Rudá tal como seu pai, só que o onomástico completo do pai é Rudá Poronominare Galvão de Andrade. Como é sabido, foi Oswald quem escolheu os dois prenomes indígenas.

É fácil confundir filho e neto, dado que ambos são xarás, portando o mesmo e raro prenome de Rudá. Detratores contemporâneos de Oswald disseminaram a vilania de que ele era tão desvairado que tinha dado ao filho o nome de "Lança-Perfume Rodo Metálico" - a marca mais popular nos carnavales da época, quando se cheirava éter à vontade, como se lê nos poemas de Manuel Bandeira. A vantagem do Rodo Metálico era a bisnaga de metal, como o nome indica, enquanto as outras eram de vidro e estilhaçavam nas estrepolias da farra. Mas a calúnia é repetida até hoje.

Este livro analisa e comenta, fornecendo as devidas receitas, as preferências culinárias dos modernistas, com ênfase em Oswald, que apreciava a mesa farta e o refinamento do paladar, mas não enjeitava pratos mais corriqueiros, como a feijoada. Como se sabe, Oswald era muito rico na primeira fase de vida, e rico enquanto herdeiro, pois recebeu como legado do pai, dispensando-o de trabalhar, uma quantidade enorme de terrenos entre Cerqueira César e os Jardins, isto é, os bairros residenciais mais centrais da cidade.

Seu paladar fora afinado em Paris, destino habitual desde os 22 anos, quando fizera a primeira viagem, em 1912. Em Paris aprendeu requinte gastronômico e vanguardismo. Foi o craque de 1929, com a subsequente Depressão econômica, que o arruinou, tanto quanto arruinou outros artistas, a exemplo de Tarsila do Amaral, que precisou ganhar a vida como ilustradora e jornalista. E quase arruinou os mecenás dos modernistas como Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado, que saíram da crise com a fortuna encolhida.

4.

Oswald conta isso em seus livros, e mais ainda na peça teatral *O rei da vela*, extraordinário sucesso quando pioneiramente encenada pelo Teatro Oficina, sob direção de José Celso Martinez Correia, contrariando a voz corrente de que o teatro de Oswald não era encenável. Tanto é que já se tinham passado décadas desde que escrevera *O rei da vela* e *O homem e o cavalo*, ninguém ousando levá-las aos palcos. Quanto ao poema dramático *O santeiro do Mangue*, escatológico e blasfemo, nem se fala. Mas a montagem do Oficina, muito criativa, reinventou o teatro de Oswald: bastava encontrar o jeito de encená-lo, bastava ter o talento de José Celso.

Nem o próprio Oswald, nem Flávio de Carvalho, pensavam que sua dramaturgia não funcionaria no palco. Oswald apalavrhou *O homem e o cavalo* com Flávio de Carvalho para o Clube dos Artistas Modernos (CAM), que este comandava

a terra é redonda

desde 1932, juntamente com os pintores Antonio Gomide, Di Cavalcânti e Carlos Prado, com sede em baixo do Viaduto Santa Efigênia, então endereço de prestígio. O Clube era um foco da sociabilidade modernista e oferecia exposições, recitais, conferências e espetáculos.

Flávio fundara o Teatro da Experiência e estava dirigindo sua própria peça, *O bailado do deus morto*, no CAM. Sabe-se, e já houve quem o afirmasse, que se trata provavelmente do marco fundacional do teatro expressionista no Brasil. Mas, por isso mesmo, causou escândalo e acabou por ser proibida pela polícia, atendendo aos reclamos dos bem-pensantes. A proibição acarretou o fim do próprio CAM e a peça de Oswald não chegou a ser encenada – o que é uma pena. É bom lembrar que Paulo Mendes de Almeida, em *De Anita ao Museu*, chama Flávio de “o outro *enfant terrible* do Modernismo”, depois de Oswald, é claro. O CAM mal durou dois anos. E foi assim que o teatro de Oswald continuou inédito.

Mas, voltando à gastronomia: com este livro nas mãos, seria possível preparar um “jantar modernista” – e bom apetite!

***Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo* (Senac/Ouro sobre azul).